

MONOCULTURA: UMA MARCA DO ANTROPOCENTRISMO HUMANO

MIRANDA, Yasmim Costa¹; PROCÓPIO, Joari Oliveira²

¹ IFPA/CRMB (Instituto Federal do Pará/Campus Rural de Marabá), cmacedocostamiranda@gmail.com; ² IFPA/CRMB, joari.procopio@ifpa.edu.br

Eixo Temático: Fome zero e agricultura sustentável

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo uma análise acerca da monocultura e seus desdobramentos, um aprofundamento nos imensos prejuízos causados pela prática da monocultura, além de apresentar um outro tipo de agricultura: a agrofloresta. O debate tem por finalidade geral trazer uma reflexão acerca do atual cenário que predomina na produção mundial, chamado monocultura e comentar sobre outra opção de agricultura.

A produção agrícola mundial tem se concentrado nas monoculturas, também chamada de culturas solteiras, com a expectativa de obter aumento do volume produzido e garantir a alimentação de toda a população do planeta. Contudo, as consequências ambientais e sociais desse modelo têm sido desastrosas, provocando a destruição da biodiversidade e o esgotamento dos solos, além de os países das regiões mais pobres do planeta estarem passando fome, já que sua produção primária é destinada, quase que exclusivamente, para exportação. Outra questão importante, é abordar uma possível solução para amenizar os impactos causados pela prática já citada: os sistemas agroflorestais (SAFs). A vantagem socioeconômica para o produtor é mais abrangente em uma agrofloresta, pois o produtor que planta de forma múltipla vai ter uma renda diversificada, isto é, não vai depender exclusivamente de uma única produção, por exemplo, em uma determinada época do ano quando a produção de uma cultura cair, terá outras opções de produção, além de que o produtor não vai precisar deixar sua terra e ir trabalhar na cidade, por falta de produção. Os SAFs, claramente, são um exemplo de agricultura a ser seguido.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica. Conforme a proposta inicial, optou-se neste projeto pela análise de caráter qualitativo e, para tanto, se fez necessária a utilização de conceitos e citações que abordam questões fundamentais para entender a problemática. A pesquisa baseou-se na análise da bibliografia proposta no sentido de selecionar argumentos que trouxessem ao texto um melhor entendimento no que se refere às graves consequências do sistema de monocultura. Para embasamento teórico e conceitual, foram consultados os conceitos de Miguel Altieri (2012), em seu livro “Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável”; “Guia: a Fome no mundo”, que tem como autores um sindicato nacional de editores de livros (2016); foi consultado também,

Anais da I Feira de Ciências Naturais da UEPA/IFPA-Rural em Marabá: Ciência e Sustentabilidade

artigos de opinião que apresentam essa temática: o artigo de Cirlene Luiza Zimmermann (2009), “Monocultura e transgenia”; e “Monocultura de paisagens e mentes” de Priscila Lini (2024).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A monocultura pode ser entendida como o cultivo de uma única espécie agrícola em determinada área ou região. As consequências negativas desse modo de produção, são muito mais acentuadas que os benefícios, especialmente no que se refere aos impactos ambientais e à saúde, fatores que passaram a ameaçar, inclusive, a continuidade da espécie humana.

Segundo Castro, em sua obra Geografia da Fome (1946), a monocultura é caracterizada como uma doença grave da economia agrária, tudo isso pela busca da produção em larga escala, que em geral, é destinada à comercialização, especialmente, para o mercado externo, até porque nenhum ser humano tem necessidade de uma quantidade muito expressiva de um único alimento para sobreviver (SNEL, 2016).

Os impactos ambientais produzidos pela especialização de uma cultura, começam pela destruição da floresta, abrindo, com as queimadas, as clareiras para seu cultivo. Após isso, vem o esgotamento violento do solo e seu empobrecimento nutricional causados pela produção contínua de uma mesma planta que vai exigir do solo a retirada de um único nutriente de forma intensa.

O plantio de uma única cultura em larga escala vai diminuir a renovação do húmus do solo, formado pela decomposição da matéria orgânica vegetal (que antes vinha da floresta) vai alterar a estrutura do solo, diminuindo sua resistência às forças de desagregação, facilitando ao extremo seu processo de intemperismo (desgaste do solo) e sua consequente erosão irreversível (transporte dos sedimentos).

A falta de umidade em decorrência da falta de sombreamento é uma realidade do sistema de monocultura, dessa forma, quando chove a água da chuva logo evapora daquele solo, portanto, para manter uma monocultura é necessário mais uso de água para promover a irrigação do solo, conseqüentemente o esgotamento dos recursos hídricos é inevitável.

Nas monoculturas as pragas se proliferam aceleradamente, em dois ou três dias uma plantação de soja ou de algodão pode ser totalmente dizimada, pois o cultivo de uma única espécie não colabora para a atração de animais, como pássaros - para ajudar no extermínio de pragas de forma natural. O cultivo de espécie vegetal única (soja, trigo, algodão, milho, entre outros) em grandes extensões de terras favorece o desenvolvimento de grande quantidade de pequenas espécies animais invasoras, as pragas que se alimentam desses produtos. É o caso da lagarta da soja, do besouro-bicudo do algodão, dos fungos que atacam o trigo e o milho, das pragas que infestam os canaviais, de bactérias, como o ácaro dos mamoeiros, o cancro-cítrico dos laranjais e as diversas pragas dos cafezais. Para evitar isso, utilizam-se cada vez mais inseticidas e fungicidas químicos, chamados também de agrotóxicos, estes que por sua vez, afetam a fauna, os pássaros e os peixes desaparecem rapidamente das áreas de monocultura, favorecendo a proliferação de pragas, lagartas, mosquitos e insetos em geral.

O uso indiscriminado de fertilizantes, com o intuito de manter ou recuperar a produtividade da terra, gera uma conseqüente eutrofização dos corpos de água e a impregnação do solo com agrotóxicos tende a torná-lo estéril pela eliminação da vida microbiana. Esses produtos, são altamente prejudiciais ao homem, e acabam sendo transportados pela chuva para riachos e rios, afetando desse modo a qualidade das águas que alimentam o gado, abastecem as cidades, abrigam os peixes, e adentra no consumo humano, de fato a saúde física e imunológica humana fica sob sérios riscos.

Já o cultivo de várias espécies, ou seja, a policultura, como exemplo a agrofloresta, implica competitividade entre elas e elimina a possibilidade da disseminação de pragas, o controle biológico é um dos pilares principais da agricultura sustentável. Sistema agroflorestal é um nome genérico que

Anais da I Feira de Ciências Naturais da UEPA/IFPA-Rural em Marabá: Ciência e Sustentabilidade

se utiliza para descrever sistemas tradicionais de uso da terra, consiste em produzir diversas culturas no mesmo espaço, nos quais as árvores são associadas no espaço e/ou no tempo com espécies agrícolas anuais e/ou animais, ou seja, combina-se, na mesma área, elementos agrícolas com elementos florestais.

O conceito de antropocentrismo diz a respeito da centralização do ser humano. Relacionando com a questão da monocultura, significa que o ser humano põe seus interesses financeiros acima do meio ambiente, a tal ponto de prejudicar imensamente a natureza em troca de um retorno financeiro temporário, parece até que o homem não depende da natureza para sobreviver. Sem uma água de qualidade, com solos contaminados e destruídos, espécies animais dizimadas, entre outros problemas, fica difícil manter a sobrevivência do ser humano no planeta.

CONCLUSÕES

Este estudo teve a finalidade de expor as lacunas do sistema da monocultura, em uma perspectiva ambiental e socioeconômica, trazer uma profunda reflexão acerca dessa discussão, buscou também apresentar um outro meio de produção agrícola. A monocultura, portanto, poderia ser a escolha diante do seguinte confronto: sobrevivência temporária da espécie humana em detrimento da natureza ou preservação do meio ambiente em detrimento da espécie humana. O antropocentrismo natural do homem o faria optar pela primeira alternativa, lançando-o à monocultura.

REFERÊNCIAS

- SNEL - SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS; **Guia a Fome no mundo**. 1ª ed. São Paulo: On Line, 2016.
- ZIMMERMANN, Cirlene Luiza. **Monocultura e transgenia: impactos ambientais e insegurança alimentar**. Belo Horizonte: Veredas do Direito, 2009.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2012.
- LINI, Priscila. **Monocultura de paisagens e mentes: A noção de plantation como construto mental no neocolonialismo brasileiro**. ISSN: 2177-5648 OPSIS (Online), Catalão, v. 21, n. 1, 2024.